

Sexta-feira
11 de Dezembro de 1998

Diário • Ano 9 n.º 3193
140\$00
IVA incluído

Director **José Manuel Fernandes**
Directores-adjuntos **Nuno Pacheco**
e **José Queirós**

Rua Agostinho Neto, Lts. 6/7 — 1769-010 LISBOA
Rua João de Barros, 265 — 4150-414 PORTO
Público na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

edição LISBOA

PUBLICIDADE

CUTTY SARK®



ORIGINAL
SCOTS WHISKY

Importador Exclusivo Adriano Ramos Pinto, S.A.

A hora do Nobel

páginas 2 a 7 e 53



Auto do juiz Garzón 285 páginas contra Pinochet

Pinochet vai aparecer hoje de cadeira de rodas num tribunal de Londres para tomar conhecimento das condições da sua detenção. O juiz Baltasar Garzón, que pediu a sua extradição, emitiu ontem um auto de acusação de 285 páginas, insistindo que o ex-ditador chileno só pode ser julgado em Espanha ou na Grã-Bretanha por crimes contra a humanidade.

páginas 16 a 18

PS Históricos avançam com moções sectoriais

página 11

Prisões Partidos e PR discutem perdão de penas

página 56

Investimento 50 milhões para a Marinha Grande

página 43

Cinema Oliveira faz hoje 90 anos

páginas 32, 33 e 56

Alfândega da Fé Crime e mistério na vila

Local

SUPLEMENTOS

SONS e ARTES

PUBLICIDADE

Crédito

Habitação

BPI

TÃO

PERSONALIZADO

QUE TEM

UMA TAXA

DE JURO

SÓ PARA SI.

José Saramago no
momento de receber
o Nobel da Literatura
das mãos do
Rei da Suécia

DESTAQUE

Mohammed e todos os nomes

Da nossa enviada
Alexandra Lucos Coelho,
em Estocolmo

À porta dos Nobel ficou Mohammed, torturado no Irão, refugiado na Suécia, com uma tocha a arder, em nome dos direitos humanos. Saramago não o chegou a conhecer, mas foi também dele que falou no banquete real de ontem à noite. Onde sobram todos os nomes, estão todos os nomes. Estocolmo foi isto: um homem na hora do prémio que não se esquece do avô Jerónimo como não se esquece de que é comunista. Exausto, mas inteiro.



A rainha da Suécia e os laureados com o Nobel de 1998, na cerimónia de entrega dos prémios que ontem decorreu em Estocolmo

Não se conhecem, nunca se viram, não sabem o nome um do outro. Mas ontem à noite, com as mesmas palavras no pensamento, estiveram a dois passos um do outro, o jovem refugiado político iraniano Mohammed Reza Hassani e o Nobel da Literatura José Saramago, dois estrangeiros em Estocolmo a clamar pelos direitos humanos, um na rua, ao frio, empurrado

pela polícia sueca, o outro num banquete solene com o Rei Karl Gustav, a rainha Sílvia e o eco planetário dos "media".

Das palavras de Mohammed não restará vestígio, mas foi exactamente dos Mohammed sem direito à palavra que José Saramago falou nos escasos dois minutos que lhe estavam atribuídos, a fechar a ceia real, a abrir as intervenções dos restantes laureados que, como ele, horas antes, tinham recebi-

do o Nobel das mãos do monarca sueco.

Mohammed Hassani, 27 anos, era um dos mais empenhados militantes do protesto que aconteceu ontem, à hora em que as limusinas iam escoando os 1800 ilustres convidados da cerimónia de entrega dos Nobel 1998, realizada na Sala de Concertos de Estocolmo. Enquanto o cortejo de peles, frufus e cartolas passava veloz entre a porta do edifício e

a porta das viaturas (estava demasiado frio para perder tempo), do outro lado da rua, bem contida por um cordão de seguranças, uma centena de refugiados iranianos, com tochas, cartazes e bandeiras gritavam: "Pinochet igual a Khatami" e "Parem com a tortura no Irão".

"Não, estas manifestações não são habituais no dia da cerimónia Nobel, eles estão a aproveitar o aniversário dos Direitos do Homem", conjecturava um

dos "Marskalk", os 35 encarregados de zelar pela chegada e partida dos convidados para a entrega dos prémios, ou seja, abrir e fechar portas de táxis e limusinas, de luva branca, laço ao pescoço, fraque e faixa ao peito com as cores da Suécia. Profissionais, continuaram a sua tarefa, alheios aos gritos ampliados por megafone, do outro lado do passeio.

Antes de escapar do Irão, Mohammed esteve preso du-

ecos de estocolmo

SIC-Saramago 1

OS JORNALISTAS em Estocolmo que respeitaram o embargo às citações do discurso de ontem de José Saramago ouviram, com perplexidade, o argumento invocado pelos seus colegas da SIC para justificar a transcrição do texto, 24 horas antes do previsto. Segundo os enviados da estação de Carnaxide, teria sido o próprio Saramago a ceder o texto e a combinar o fim do embargo para as 20h de quarta-feira, ou seja, a noite anterior ao momento do discurso. Segundo este raciocínio, o Nobel teria dado o seu aval ao esvaziamento das suas próprias palavras. Pouco depois desta argumentação ter começado a ser desenvolvida, um jornalista (que não o autor da polémica peça) e um operador de imagem da SIC puderam comprovar vivamente como al-

guém estava a mentir: ao (muito) fresco da manhã, quando se preparavam para filmar a saída de Saramago do hotel, a indignação do Nobel fez-se sentir frente à câmara. O escritor anunciou mesmo o corte de relações com a estação. A partir daí, tornou-se um bocadinho mais árduo de defender como pode um vencedor do Nobel, no seu juízo perfeito, entregar, sem nenhuma restrição, as palavras de que é autor, para que outros as digam, antes dele próprio.

SIC-Saramago 2

A MISSÃO antecipatória da SIC semeou um mal-estar em toda a comitiva próxima de Saramago, para já não falar do próprio escritor, que tem estado sujeito a uma tensão crescente nos últimos dias. Depois do ensaio da manhã e antes da ce-

rimónia da tarde, o Nobel refugiou-se no quarto, sem atender chamadas, e nem sequer desceu para almoçar, ao contrário do que é seu hábito. Desolado com o anúncio do corte de relações estava o operador de câmara da SIC que de manhã enfrentara a zanga do escritor: trata-se de um admirador de Saramago e tem todos os seus livros.

O sevilhano de tesoura na mão

MONOLO CORTES, cabeleireiro de Sevilha, verificou o nervosismo em que estava José Saramago ao princípio da tarde de ontem, quando subiu ao quarto 702 do Grand Hotel para lhe cortar o cabelo. "Sentava-se e levantava-se, e sentava-se e levantava-se... estava inquieto." Este sevilhano de apelido correspondente às funções é um velho amigo de Pilar

del Rio e chegou ontem a Estocolmo para assistir à cerimónia de entrega dos prémios, concluídos os trabalhos da tesoura.

A troca do vestido

O CÉLEBRE vestido vermelho de Pilar del Rio, com uma "frase de amor" retirada do "Evangelho segundo Jesus Cristo" bordada na fimbria, afinal será usado esta noite, num novo banquete, oferecido por Suas Majestades no Palácio Real de Estocolmo. Anteontem José Saramago tinha dito ao PÚBLICO que o vestido em causa (uma criação do costureiro espanhol Modesto Lomba, autor também do vestido cinza-prateado que a mulher do Nobel ontem usou) seria estreado na cerimónia de entrega dos prémios. "José não entende nada de roupa", corrigiu Pilar, "nunca se importa com o que veste." ■ A.L.C.

Que fareis com este Nobel?

PRONTO. Saramago recebeu o Nobel. Os que já se impacientavam com a omnipresença do escritor por todos os recantos dos "media" podem, enfim, descansar. Tão depressa não voltarão a vê-lo com tamanha assiduidade, a repetir, num assomo de resistência quase sobre-humana, o discurso que foi interiorizando ao longo dos mais de dois meses que se seguiram ao anúncio da atribuição do prémio pela Academia Sueca.

Não só. O escritor poderá, ele próprio, descansar desta fadiga que não mostrava ambicionar, embora lhe devesse andar na cabeça há já vários anos. Em 1997, quando soube que o prémio ia para Dario Fo, disse para a sua mulher, Pilar del Rio: "Pronto. Podemos voltar ao nosso sossego." Agora dirá talvez o mesmo, mas já com o Nobel da Literatura no currículo.

Curiosamente, desde que recebeu a notícia o discurso de Saramago foi-se aprimorando, como se o súbito contacto com milhares de vozes que não as dos personagens dos seus livros a isso o obrigasse. Algumas das suas declarações chegaram, nos primeiros dias, a roçar a banalidade, como se naquele homem então habitasse — na ausência imediata da escrita — um inexpressivo vazio. Mas a pouco e pouco foi corrigindo o verbo, até chegar à sua comovente intervenção de dia 7, em Estocolmo, onde traçou o percurso narrativo das suas personagens reais e imaginárias unindo-as a todas numa "atitude naturalmente estóica perante a vida".

Teriam outros merecido este Nobel? Certamente. Mas Saramago foi, aos poucos, mostrando ao mundo — e sobretudo aos que nele criticavam desmandos passados ou insuficiência literária — que também sabia ser dele merecedor. E fê-lo de um modo convincente, deixando claro aos olhos de todos que também ele se ergueu do chão como a sua escrita, emergindo de um universo telúrico onde o mais simples dos actos é uma lição de amor à vida. Dirão alguns que o Saramago que conheceram pouco ou nada tem a ver com isto. Não importa. Porque ele é já, cada vez mais, uma personagem dos seus próprios livros, reinventando-se à medida que a vida e a escrita lhe vão traçando o destino.

No final da peça de teatro "Que Fareis com Este Livro?", onde Camões procura, sem êxito, que alguém lhe publique a obra que escreveu, José Saramago fez ecoar — recordou-o há dias em Estocolmo — "uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: 'Que fareis com este livro?'" Uma pergunta que pode, agora, ser devolvida a todos quantos se batem pela divulgação e dignificação da cultura portuguesa no mundo: que fareis com este Nobel? ■

discurso

Chega-se mais facilmente a Marte...

CUMPRIRAM-SE HOJE exactamente cinquenta anos sobre a assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não têm faltado comemorações à efeméride. Sabendo-se, porém, como a atenção se cansa quando as circunstâncias lhe pedem que se ocupe de assuntos sérios, não é arriscado prever que o interesse público por esta questão comece a diminuir já a partir de amanhã. Nada tenho contra esses actos comemorativos, eu próprio contribuí para eles, modestamente, com algumas palavras. É uma vez que a data o pede e a ocasião não o desaconselha, permita-se-me que diga aqui umas quantas mais.

Neste meio século não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumprir-lo os Governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aqueles que efectivamente governam o mundo, as empresas multina-

cionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensemos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os Governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor.

Não esqueci os agradecimentos. Em Frankfurt, no dia 8 de Outubro, as primeiras palavras que pronunciei foram para agradecer à Academia Sueca a atribuição do Prémio Nobel de Literatura. Agradei igualmente aos meus editores, aos meus tradutores e aos meus leitores. A todos torno a agradecer. E agora também aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de hoje: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse naquele dia que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto. ■

José Saramago

Estocolmo, 10 de Dezembro de 1998

PEDRO CUNHA



À hora da entrega do Nobel o Café Central da terra onde nasceu Saramago encheu-se de gente

O dia de Saramago na Azinhaga

POUCAS PESSOAS da aldeia Azinhaga, em pleno Ribatejo, onde nasceu José Saramago, a 16 de Novembro de 1922, sabem quem é o escritor (apesar dos aparatos das rádios e das televisões).

José Viegas, 35 anos, quer assistir à cerimónia pelo ecrã mas não conheceu o romancista. "Só ouvi falar dele." Ao seu lado, José Rufino Moira, com 62 anos, recorda-se do Prémio Nobel de uma festa há uma dúzia de anos: "Só nessa altura é que o conheci, mas não li nenhum livro dele. Sabe, isto é muito pequenino."

É surpreendente — arrepiante? — o número de pessoas que já ouviu o nome de Saramago mas nunca leu nenhum dos seus livros. Em contrapartida, o escritor começou o seu extraordinário discurso que fez em Estocolmo na segunda-feira por evocar os seus avós e toda a paisagem da sua infância — "Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo".

Mas existem excepções. António Mendes Gomes, 58

anos, está sentado no centro da vila e é proprietário da casa onde nasceu o romancista. Leu "Memorial do Convento", "O Ano da Morte de Ricardo Reis" e "Todos os Nomes". "É um grande orgulho para todos nós, desta terra. Mas não me faça mais perguntas. Não quero dizer mais nada." Desafaba depois: "Parece que ele quer comprar a casa onde nasceu."

A Rosália Nunes com 26 anos — por toda a parte só deparamos com gente com muita idade — afirma que "ainda não teve a sorte" de ler qualquer livro do escritor. Porquê? A resposta é, à imagem das obras de Saramago, terrível: "Nunca tive dinheiro para comprar nenhum." Pede desculpa e sai a correr. Tem uma amiga à espera.

António Figueiredo Pires entra na conversa e acha que Saramago "é muito importante, só que não pode esquecer o resto." Mas qual é o resto? Saramago gostaria de ouvir estas palavras: "A nossa filarmónica tem 102 anos e o rancho folclórico vai fazer 50 anos."

Carlos Câmara Leme

rante oito meses. "Penduravam-me pelos pulsos 40 horas seguidas, batiam-me nas pernas e nas costas", lembra ao PÚBLICO, enquanto aponta para os ombros e para os tornozelos: "Aqui tenho marcas." É de Direitos do Homem que estamos a falar. "Eu acredito que no mundo todos sabem como é o Governo iraniano, mas todos o aprovam. Há apedrejamentos, há escritores presos, ainda ontem (anteontem) mataram o escritor Mohammed Mokhtori."

No banquete

Quantos Mohammed caberiam nas duas folhas que o Nobel da Literatura 1998 desenrolou pouco depois, à mesa do banquete de Suas Altezas, essas duas folhas em que criticou governos, multinacionais e outros poderosos por terem andado de mal a pior nestes últimos 50 anos, o meio século que assinalamos desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem, quantos nomes como este, Mohammed?

Depois do desfile de iguarias, de músicas, de brindes, depois de uma soprano cantar e do Rei intervir, José Saramago levantou-se com essas duas folhas e falou: "Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumprir os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aqueles que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava de ideal da democracia."

Horas antes disto acontecer, destas palavras serem enfim ditas, o escritor português explicou ao PÚBLICO que o aniversário da Declaração dos Direitos do Homem lhe surgira como uma boa oportunidade para dizer o que não estava no discurso de segunda-feira, perante a Academia, todo centrado no homem e na sua obra.

Aproveitou o acaso, deixou de fora a literatura (que já tinha sido contemplada antes) e sintetizou o apelo político, que vem logo a seguir ao negro retrato do estado da democracia: "Não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor."

Num texto assim, em que nenhum nome é citado, cabem todos os nomes, tal como na parábola que emerge do último romance de Saramago — Mohammed e todos os outros. Mesmo que o jovem refugiado iraniano nem soubesse que do outro lado da rua, dentro do edifício, o homem mais aplaudido da noite se chamava José Saramago, escritor português.

A hora N

Foi exactamente no momento em que os sapatos de verniz de Saramago pisaram o grande N desenhado na alcatifa

“Festa da Língua” por Saramago

Testemunhos reais da lusofonia

JOÃO MIGUEL RODRIGUES

Rui Ferreira e Sousa

Escritores, músicos e cantores do mundo lusófono homenagearam ontem em Lisboa o escritor José Saramago. Foi uma festa da língua portuguesa, sentida, participada, mas com um peso sombrio a atravessar o júbilo da assistência: a sombra da guerra e do terror. Como disse o escritor timorense Luís Cardoso, “é com esta língua que estamos aqui contíguo, Saramago, levantados do chão”.



José Craveirinha, Manuel Rui Monteiro e Mia Couto, escritores lusófonos na festa para Saramago

Timor, Guiné-Bissau, Angola vivem momentos trágicos. A guerra, o caos, o terror, a fome não foram esquecidos num dia de festa como a de ontem. Foi a escrita de José Saramago que uniu os escritores, cantores, músicos e o público de todos os países de língua portuguesa que se juntaram na Aula Magna da Universidade de Lisboa para o homenagear e assistir em directo à cerimónia da entrega do Prémio Nobel. Uma festa que começou com uma excelente exibição do Coro da Universidade a interpretar Fernando Lopes Graça e terminou com a emblemática canção “Venham mais cinco”, de Zeca Afonso, cantada pelos pluriculturais Sons da Fala.

Com a Aula Magna apenas metade cheia, mas com

transmissão para 200 milhões de portugueses através da RTP Internacional e RTP África, como salientou a apresentadora da iniciativa, Paula Moura Pinheiro, a “Festa da Língua” foi um momento de alegria atravessado por um travo amargo trazido pela memória de alguns escritores lusófonos. António Soares Lopes, da Guiné-Bissau, escritor e também correspondente do PÚBLICO, disse, num dia de “lusa-festa”, que o seu povo, a terra mágica do chão vermelho, “está de luto”, enquanto Luís Cardoso, de Timor-Leste, lembrou que Alas é “um sítio onde a realidade é tão cruel que a ficção não tem lugar”.

Ambos apelaram à paz e à liberdade, contra o caos e o terror e nesse apelo, como ponte de união entre os po-

vos de língua portuguesa, entrou Saramago e o significado do galardão que ontem lhe foi entregue. “É com esta língua, instrumento da paz e da liberdade, que estamos todos aqui contigo, Saramago, levantados do chão”, disse Luís Cardoso.

Os outros escritores que entrevistaram preferiram, saltando sobre as suas próprias palavras, ler excertos de livros de Saramago. O angolano Manuel Rui Monteiro leu poesia dos “Poemas Possíveis”, a cabo-verdiana Orlanda Amarilis, sublinhando que “nos países do sul gostamos do fantástico”, leu um pedaço do “Ensaio sobre a Cegueira”, enquanto a saotomense Inocência Mata optou por um excerto de “O Evangelho segundo Jesus Cristo”. Também de Cabo

Verde esteve presente o escritor Germano de Almeida que salientou ao PÚBLICO a grande estima que tem por Saramago, um autor com “uma escrita criativa” de quem quer salientar “Memorial do Convento” e “O Ano da Morte de Ricardo Reis”.

Do Brasil veio o escritor Ivan Pedro de Martins que viu neste Nobel “reconhecimento da História, da língua e dos homens portugueses”, citando Saramago quando escreve em “A Jangada de Pedra”: “Nós saímos daqui e vamos para onde devemos estar.”

Ao moçambicano Mia Couto — José Craveirinha preferiu apenas assistir — coube o breve discurso. Como é seu hábito, contou uma lenda moçambicana. Acredita-se no sul que Deus criou os homens num pântano de cani-

ços. Depois, Deus chamou um camaleão para levar a mensagem da eternidade aos homens. E depois chamou um lagarto para levar uma outra mensagem, a da mortalidade. Ora o lagarto, mais lesto, ultrapassou o camaleão e chegou primeiro com a pior mensagem.

Com isto, Mia Couto quis dizer que “muitas vezes nós fazemos como o camaleão e deixamos-nos ultrapassar pelas coisas más, invejas, ódios. Não deixemos que seja o camaleão a entregar o prémio, para não sermos ultrapassados por essas coisas más”. O ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, e o Reitor da Universidade, José Barata Moura, nos discursos institucionais, elogiaram Saramago e salientaram a importância do prémio para o universo linguístico lusófono. E coube ao

ensaísta e professor universitário Manuel Gusmão sublinhar a força literária da obra de Saramago, a pluralidade de vozes, a interação rapsódica dos rituais da tradição literária com o falar do homem comum: “Saramago espantase com a língua e torna-a estranha para nós, reiventando-a para desfrutarmos dela”.

A “Festa da Língua” terminou com um concerto dos Sons da Fala, com Vitorino e Nill Luz a cantar “O fado tropical”, de Chico Buarque, Sérgio Godinho e Juka a cantar “Eu fui à terra do bravo” (Açores) e Janita Salomé e Tito Paris a cantar “Júlia Florista”. Depois, entre outras interpretações, com André Cabaço, Guto Pires e Filipe Mukemba, todos cantaram “Venham mais cinco”, de Zeca Afonso. ■

O meu país está de luto

HÁ MAIS de seis meses que a Guiné-Bissau, o meu país, a terra mágica de chão vermelho, de verdes palmares vestindo o corpo fêmea das bolanhas, está de luto.

Um choro calado, sizudo como o silêncio — um choro diferente sem vacas sacrificadas sem a cana aguardente e sem tambores.

O ritmo é marcado pelo compasso fúnebre dos obuses, granadas e minas traçojeiras ceifando vidas, semeando o caos e a destruição. Os escritores, poetas, músicos foram desalojados e feridos na sua alma. Dizem as notícias dos correspondentes de guerra que uma grande parte do património cultural da Guiné-Bissau foi barbaramente destruído por tropas estrangeiras acantonadas no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, perdendo-se estudos, pesquisas, obras literárias e documentos históricos. Enfim, uma parte significativa da memória do país foi reduzido a cinzas.

Estamos de luto na Guiné-Bissau. Hoje, dia da lusa-festa do laureado José Saramago, um evento que engrandece Portugal e se eleva à escala dos países e povos, utentes da língua portuguesa, não comemoramos, não festejamos. Não podemos festejar e a festa é também nossa. O povo guineense, enfrentando momentos conturbados, dobra-se sobre si mesmo minando a terra eivada de mágoa e de dor.

Amanhã, na terra reconstruída, prometemos soltar os tam-tans de Bankolé, Pilum, Chão de Papel, Gabú Saara, Bafatá e Catió, para juntos entoarmos um fado tropical de Djarama à Saramago. Obrigado José Saramago, até Bissau. ■

Mensagem lida pelo escritor guineense António Soares durante a “Festa da Língua”

Tese de mestrado sobre “Ensaio sobre a Cegueira” defendida ontem

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”

O CENÁRIO era outro: um anfiteatro vazio esperava Saramago. O anfiteatro esperava um olhar sobre ele, uma reflexão sobre a sua obra — neste caso “Ensaio sobre a Cegueira”.

A mesma hora que em Estocolmo todas as atenções caíam sobre o escritor homenageado, em Lisboa, num auditório universitário onde se respirava um silêncio de expectante solenidade, elas recaíam sobre uma homenagem (diferente): Maria Manuela Tomás defendia, perante quatro júris, a sua tese de mestrado sobre um romance com o estranho título de “ensaio”. Defendia a sua interpretação de “um romance que, sem o deixar de ser, se quer ensaio” — porque, como até o autor insinua, se calhar o escritor José Saramago é “um ensaísta sem capacidades para escrever ensaios”.

Aqui o auditório suspira aliviado (“perder-se-ia o romancista!”) e, ensaios à parte, semicerra os olhos relembando a narrativa. Sucessivamente, de uma forma implacável, um estranho surto de cegueira vai atingindo toda uma população: um automobilista, o primeiro de uma fila, não arran-

ca ante um sinal verde; esbraceja; olha de um lado para o outro; diz duas palavras — “Estou cego”. “O que estava à vista desapareceu atrás dos punhos fechados do homem, como se ainda quisesse reter no interior do cérebro a última imagem recolhida”. Mas se da cegueira “dizem que é negra”, esta é como se se “tivesse caído num mar de leite”. Iniciava-se assim o surto da “cegueira branca” e indiciava-se o caos decorrente. Um após outro — primeiro o automobilista, depois o ladrão que o leva a casa, o médico que o atende —, numa cadeia que não parece ter fim, toda a população vai sendo contagiada. Ao mesmo ritmo, os signos reguladores da estrutura social, porque deixam de ser reconhecidos, perdem significado.

Mas a hora — de duração máxima da discussão — não é dedicada à narrativa, antes ao que por detrás dela se esconde. As questões não tardam a surgir. Depois da inevitável referência à coincidência que, de certa forma, fez Saramago estar em Lisboa, as questões não tardam.

Da mesa do júri sugere-se a cegueira “como figura de superfície”, nível primeiro e mais ime-

diato de uma alegoria, “enquanto movimento reestruturador”.

De frente para as perguntas, de costas para as apenas quatro pessoas que assistiam, Maria Manuela Tomás, com as mãos trémulas, sublinha, como diz uma personagem da obra, que “estamos perante uma parábola”, a macro-estrutura da obra “reconhece-se imediatamente alegórica”.

Saramago recuou até ao Velho Testamento e agora penetra na consciência humana, “no animal racional e irracional que há em nós”. Há um “apagamento de significados para nos aproximarmos da essência de quem é o outro”. Os cegos têm novos sentimentos: “Da morte de significação passa-se para uma zona de caos, de insignificação. Parte-se à procura do caos branco, a ideia do limite”, um mundo descarnado e exaurido.

O manicómio, espaço de loucura, acolhe a quarentena, a loucura de uma razão, “a realidade em que vivemos hoje”. O manicómio — onde, numa minúcia descritiva do horror, do nojo, são encerrados os cegos —, é o local de uma quarentena transfiguradora, porque propõe um sentido

subversivo para a purificação. Há uma articulação “progressivamente integradora” entre manicómio e quarentena, num diálogo simbólico também “de superfície” — o primeiro nível de alegorização. E o caos “aparece no universo romanesco como uma imagem simbólica” da passagem entre um mundo e outro, da passagem das trevas à luz. Há ainda Walter Benjamin e o seu anjo da história, com o rosto virado para as ruínas do passado, impellido pela força de uma tempestade (a evolução) para o futuro, ao qual vira as costas. Sendo que o anjo da história de Saramago é um anjo que vê com lucidez o futuro — é a mulher do médico, a única que conserva a visão, a própria consciência.

Seguidamente começa-se a renascer, como Édipo que sai louco para o caos pronto para a reconstrução.

Mas o final é pessimista. “Não acharia mais interessante se os cegos tivessem continuado cegos?”, pergunta-se do outro lado da mesa.

Fica a mensagem, em epígrafe, de Saramago: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” ■

Vanessa Rato

Jovens estudantes orgulhosos

“Quase como a selecção nacional...”

QUANDO os membros da academia sueca chamaram José Saramago para receber o Prémio Nobel, a reacção dos alunos da Escola Secundária de Oliveira do Douro, Gaia, reunidos no polivalente para assistirem à transmissão televisiva, foi unânime: aplausos e vivas ao escritor “que levou mais longe o nome de Portugal”. Embora muitos tenham confessado não conhecer a obra do escritor, ninguém disfarçou o “orgulho por ser um português a ganhar um prémio desta dimensão”, como disse Gisela Vieira.

Sara Zenha, aluna do 8º ano, folheava o “Memorial do Convento.” Quando as câmaras focaram José Saramago, sorriu. “Admiro bastante os escritores portugueses, porque conseguem tornar apreciável uma língua como a língua portuguesa, que é dura por si própria. E agora o José Saramago ganhou um Nobel, o que é muito importante.” “Estou a ler este livro [“Memorial do Convento”] e a seguir vou ler ‘O Evangelho segundo Jesus Cristo’”, assegurou.

Um pouco mais à frente, o Paulo Mesquita — “pouco adepto da leitura” — afirmava que ficou a assistir “porque isto é importante para o país, é quase como a selecção nacional.” “Nunca li nada do José Saramago, mas reconheço que este é um dia histórico, porque significa um reconhecimento do que se faz em Portugal.” Ao lado, João Marques, que diz já ter lido o “Ensaio sobre a Cegueira” e “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, defendia que este foi um prémio “merecido”.

A entrega do Prémio Nobel coincidiu com a comemoração do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, dois acontecimentos que a Escola de Oliveira do Douro não quis deixar passar em claro. Por isso, como explicou ao PÚBLICO o professor Rafael Tormenta, “o Clube de Teatro decidiu fazer uma pequena encenação, que ilustra o aparecimento e progresso da Humanidade, culminando com a declaração dos direitos do Homem.” “Como a entrega do prémio Nobel coincidiu com este dia, resolvemos juntar as duas coisas.”

André Lousada e Preciosa Soares, dois dos alunos que integraram a representação, sustentaram que “esta foi uma maneira original de alertar as pessoas para os casos de violação dos direitos humanos que ainda se verificam.” Mais tarde, Tiago Ramos, apesar de não ter percebido muito bem algumas partes, classificou a encenação de “interessante e importante, até porque ainda há muitos alunos que desconhecem este documento [DUDH].”

Um pouco por todo o país, foram vários os estabelecimentos de ensino que se quiseram associar aos dois grandes acontecimentos do dia. Na Escola EB 2/3 da Mealhada a data foi assinalada com uma encenação, com apoio audio-visual, da alegoria desenvolvida por José Saramago na “Jangada de Pedra” e com a leitura de alguns artigos da DUDH. Em Lordemão, no Instituto Educativo, foi organizada uma exposição sobre a biografia e obras do autor, enquanto na Escola EB 2/3 de Vilarinho do Bairro alunos e professores realizaram uma conferência sobre a obra do escritor. O Externato Nossa Senhora dos Remédios, em Tortosendo, promoveu um “concurso de letra e música” sobre os direitos humanos e inaugurou uma exposição de fotografia, a preto e branco, sobre a comunidade cigana, intitulada “Os mal-amados”.

Na área de jurisdição da Direcção Regional de Educação de Lisboa foram 11 as escolas que decidiram homenagear Saramago, ao passo que nove organizaram actividades no âmbito do aniversário da DUDH. ■ S.C./A.V.

os nobel da literatura

1901	Sully Prudhomme	França
1902	Christian Matthias Theodor Mommsen	Alemanha
1903	Bjørnstjerne Martinus Bjørnson	Noruega
1904	Frédéric Mistral	França
	e José Echegaray y Eizaguirre	Espanha
1905	Henryk Sienkiewicz	Polónia
1906	Giosuè Carducci	Itália
1907	Rudyard Kipling	Grã-Bretanha
1908	Eucken, Rudolf Christoph	Alemanha
1909	Selma Lagerlöf	Suécia
1910	Paul Johann Ludwig Heyse	Alemanha
1911	Maurice Maeterlinck	Bélgica
1912	Gerhart Johann Robert Hauptmann	Alemanha
1913	Rabindranath Tagore	Índia
1914	Não atribuído	
1915	Romain Rolland	França
1916	Carl Gustaf Verner Von Heidenstam	Suécia
1917	Karl Adolph Gjellerup	Dinamarca
	e Henrik Pontoppidan	Dinamarca
1918	Não atribuído	
1919	Carl Friedrich Georg Spitteler	Suíça
1920	Knut Pedersen Hamsun	Noruega
1921	Anatole France	França
1922	Jacinto Benavente	Espanha
1923	William Butler Yeats	Irlanda
1924	Wladyslaw Stanislaw Reymont	Polónia
1925	George Bernard Shaw	Grã-Bretanha
1926	Grazia Deledda	Itália
1927	Henri Bergson	França
1928	Sigrid Undset	Noruega
1929	Thomas Mann	Alemanha
1930	Sinclair Lewis	EUA
1931	Erik Axel Karlfeldt	Suécia
1932	John Galsworthy	Grã-Bretanha
1933	Ivan Alekseyevich Bunin	Rússia
1934	Luigi Pirandello	Itália
1935	Não atribuído	
1936	Eugene O'Neill	EUA
1937	Roger Martin Du Gard	França
1938	Pearl Buck	EUA
1939	Frans Eemil Sillanpää	Filândia
1940	Não atribuído	
1941	Não atribuído	
1942	Não atribuído	
1943	Não atribuído	
1944	Johannes Vilhelm Jensen	Dinamarca
1945	Gabriela Mistral	Chile
1946	Hermann Hesse	Suíça
1947	André Paul Guillaume Gide	França
1948	Thomas Stearns Eliot	Grã-Bretanha
1949	William Faulkner	EUA
1950	Earl Russell	Grã-Bretanha
1951	Pär Fabian Lagerkvist	Suécia
1952	François Mauriac	França
1953	Winston Churchill	Grã-Bretanha
1954	Ernest Hemingway	EUA
1955	Halldór Kiljan Laxness	Islândia
1956	Juan Ramón Jiménez	Espanha
1957	Albert Camus	França
1958	Boris Pasternak	URSS
1959	Salvatore Quasimodo	Itália
1960	Saint-John Perse	França
1961	Ivo Andrić	Jugoslávia
1962	John Steinbeck	EUA
1963	Giorgos Seferis	Grécia
1964	Jean-Paul Sartre	França
1965	Michail Aleksandrovich Sholokhov	URSS
1966	Shmuel Yosef Agnon	Israel
	e Nelly Sachs	Suécia
1967	Miguel Angel Asturias	Guatemala
1968	Yasunari Kawabata	Japão
1969	Samuel Beckett	Irlanda
1970	Aleksandr Isaevich Solzhenitsyn	URSS
1971	Pablo Neruda	Chile
1972	Heinrich Böll	Alemanha
1973	Patrick White	Austrália
1974	Eyvind Johnson e Harry Martinson	Suécia
1975	Eugenio Montale	Itália
1976	Saul Bellow	EUA
1977	Vicente Aleixandre	Espanha
1978	Isaac Bashevis Singer	EUA
1979	Elytis Odysseus	Grécia
1980	Czeslaw Milosz	EUA
1981	Elias Canetti	Grã-Bretanha
1982	Gabriel García Márquez	Colômbia
1983	Sir William Golding	Grã-Bretanha
1984	Jaroslav Seifert	Checoslováquia
1985	Claude Simon	França
1986	Wole Soyinka	Nigéria
1987	Joseph Brodsky	EUA
1988	Naguib Mahfouz	Egipto
1989	Camilo José Cela	Espanha
1990	Octavio Paz	México
1991	Nadine Gordimer	África do Sul
1992	Derek Walcott	Santa Luzia
1993	Toni Morrison	EUA
1994	Kenzaburo Oe	Japão
1995	Seamus Heaney	Irlanda
1996	Wisława Szymborska	Polónia
1997	Dario Fo	Itália
1998	José Saramago	Portugal



Sala com dezenas de radiografias de crânios e (em baixo) a medalha de Egas Moniz

António Egas Moniz foi galardoado há 49 anos

Histórias do outro Nobel português

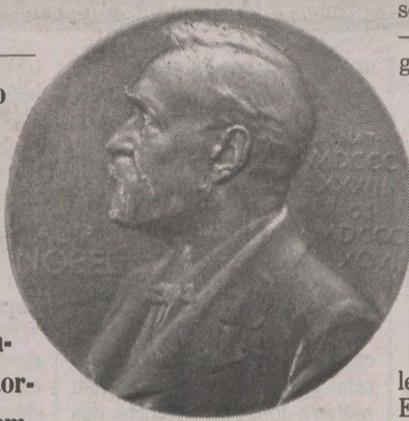
Clara Barata (textos)
e David Clifford (fotos)

A reacção do país ao anúncio do primeiro Nobel português, em 1949, foi de grande alegria e orgulho, semelhante ao que aconteceu este ano com José Saramago. Mas esse júbilo tornou-se motivo de algum embaraço, passados anos, quando se percebeu que a investigação de Egas Moniz foi utilizada de forma abusiva e indiscriminada.

Há 49 anos, um português inscrevia pela primeira vez o seu nome na lista dos contemplados com o Prémio Nobel: António Egas Moniz. A sua investigação no campo da cirurgia cerebral — uma técnica precursora da lobotomia de má fama — foi o motivo da distinção.

Ao contrário do que aconteceu agora com José Saramago, Egas Moniz não foi a Estocolmo aceitar o galardão. Estava doente na altura da cerimónia e acabou por receber o diploma e a medalha em Lisboa, em sua casa, entregue pelo embaixador da Suécia, em 3 de Janeiro de 1950. Os troféus chegaram à sua mão guardados “numa riquíssima pasta de carneira azul e dourada, tendo ao alto as bandeiras portuguesa e sueca, sobrepondo-se à caravela de Lisboa e à efígie de Santo Erik, patrono de Estocolmo”, descrevia o “Diário de Notícias” na primeira página da edição do dia 4.

A medalha e o diploma do Prémio Nobel estão actualmen-



seja, o neurologista português — que inventou também a angiografia, uma forma de tornar visíveis áreas do cérebro ou do sistema circulatório injectando uma solução que faz contraste nas radiografias — investigou cientificamente as possibilidades da utilização de cirurgias cerebrais para o tratamento de desordens psiquiátricas como a esquizofrenia.

Juntamente com o seu colega cirurgião Almeida Lima, Egas Moniz operou pacientes internados em asilos para doentes mentais. Perfurava-lhes os crânios para destruir as ligações fibrosas (a chamada “matéria branca”) que unem os lobos frontais — a área do cérebro associada com o comportamento social. Os resultados não eram muito conclusivos: apenas cerca de um terço dos pacientes operados apresentavam melhorias. Outro terço ficava sem alterações e os restantes pioravam. A apatia e a insensibilidade afectiva eram, no entanto, efeitos secundários frequentes.

Como não existiam medicamentos eficazes para o tratamento das desordens psiquiátricas, a investigação de Egas Moniz foi acompanhada com muito interesse e praticada abundantemente, embora a taxa de sucesso fosse praticamente semelhante aos 25 a 30 por cento de casos de doentes que recuperavam espontaneamente. Por isso, Egas Moniz advogava o uso desta técnica apenas em doentes para os quais não havia qualquer outra esperança.

“Glória à ciência portuguesa”

O orgulho pela atribuição do Nobel a um português, no entanto, ficava bem espelhado no título com que o “Diá- >>

>> rio de Notícias” a anunciava, na capa da edição de 28 de Outubro de 1949: “Glória à ciência portuguesa”. Falava-se no dealbar de “uma nova era de progresso para a ciência portuguesa” — algo parecido com o prenúncio de uma nova fase de prestígio para a literatura portuguesa com a distinção prestada a Saramago 49 anos depois.

As relações de Egas Moniz com a imprensa é que eram menos cansativas do que as de Saramago. O “Diário de Notícias” relata que o seu repórter lhe pediu a “vénia de umas palavras destinadas ao público”, que “o sábio” declinou: “Mas o insigne professor observou-nos que a oportunidade não era a melhor. Que avaliássemos a sua situação: falar de si próprio. Quando muito, que disséssemos de nossa conta”. E o jornalista não se faz rogado: “Sabemos que o Senhor Professor Egas Moniz se sente desvanecido com a honra concedida, tanto mais que é de há muito grande admirador da Suécia e dos países nórdicos.”

Nesse dia, Egas Moniz conseguiu disputar espaço nos jornais à extensíssima cobertura que estava a ser dada à visita do Generalíssimo Franco, que apenas rivalizava com as preocupações do início da Guerra Fria: a Rússia anunciava que tinha a bomba atômica, e voltava-se, ameaçadora, contra a Jugoslávia. Na China, os nacionalistas de Jiang Jieshi (Chiang Kai-Shek) estão prestes a fugir, com a proclamação da República Popular por Mao, a 1 de Outubro.

Os horrores da lobotomia

Mas a distinção de Egas Moniz desencadeou uma outra espécie de guerra, surda e subterrânea, cujo general mais destacado foi um neurologista norte-americano, que usou e abusou do método cirúrgico. Walter Freeman, que começou a trabalhar neste campo em meados da década de 30, tal como o português,



Retrato a óleo de Egas Moniz, numa das paredes do museu

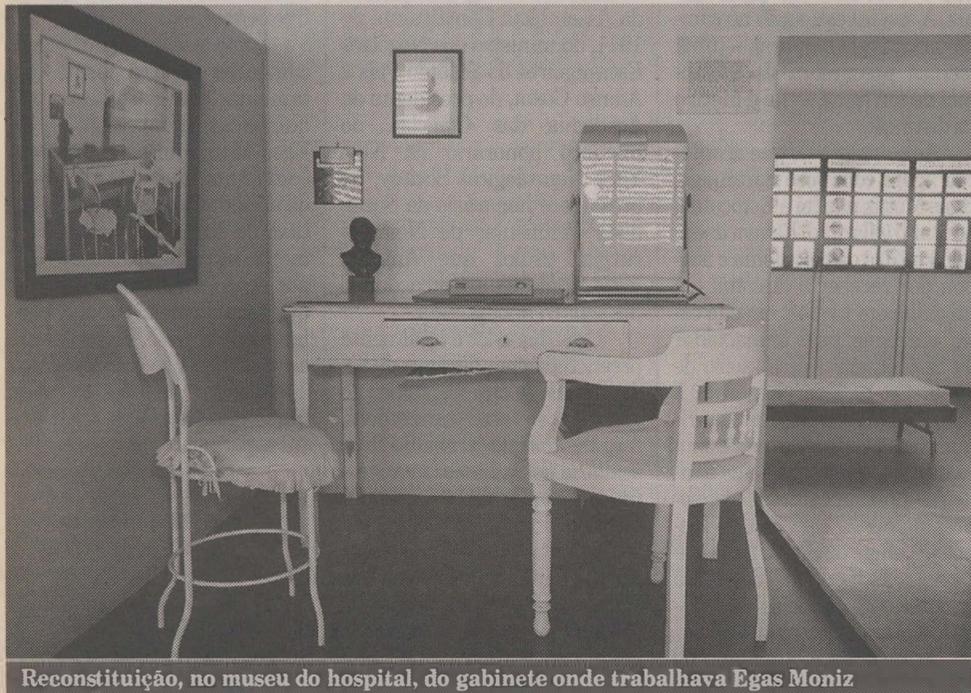
operou cerca de 20 mil pacientes até ao ano em que o Nobel foi atribuído a Egas Moniz. Com o impulso do Nobel, durante os três anos que se seguiram, operou 60 mil pessoas.

Usava uma técnica terrível: inseria um picador de gelo pelos olhos dos pacientes, com um martelo e anestesia local, e destruía de uma forma indiscriminada os seus lobos frontais. Por isso baptizou o seu método lobotomia (corte dos lobos) em vez de leucotomia (em que apenas a matéria branca era cortada).

Este método era considerado uma forma barata de lidar com os doentes mentais — a maioria ficava completamente apática ou, nos piores casos, transformada em “vegetal” e, logo, inofensiva — e mesmo com prisioneiros e simplesmente pessoas que se revoltavam com a sua vida. Freeman, que fazia grandes campanhas publicitárias da sua técnica,

teve adeptos em todos os pontos do globo. No Japão, a maioria das vítimas foram crianças com problemas de comportamento. Mas na Rússia estalinista, a técnica foi proibida, porque as pessoas submetidas a lobotomia ficavam sem reacção e embrutecidas — logo, imprestáveis.

O desenvolvimento de medicamentos eficientes para controlar e tratar as desordens psiquiátricas, nos anos 50, é que levou à definitiva queda em desgraça desta técnica — cujos maiores críticos eram os psiquiatras, que procuravam abordar as doenças mentais de uma forma diferente da dos neurologistas. O horror da lobotomia ficou retratado em obras como “Voando sobre Um Ninho de Cucos”, um livro de Ken Kesey escrito em 1958 e passado ao cinema em 1975, por Milos Forman, com Jack Nicholson no principal papel. ■



Reconstituição, no museu do hospital, do gabinete onde trabalhava Egas Moniz

Nobel da Medicina

Molécula mensageira

O PRÉMIO NOBEL da Medicina de 1998 foi atribuído a três cientistas norte-americanos pela descoberta da função do monóxido de azoto “enquanto molécula mensageira no sistema cardiovascular”, referiu na altura o Instituto Karolinska, em Estocolmo (Suécia). Os laureados foram **Robert Furchgott** (82 anos), da Universidade Estadual de Nova Iorque, em Brooklyn, **Louis Ignarro** (57 anos), da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e **Ferid Murad** (62 anos), da Universidade do Texas, em Houston.

As implicações desta descoberta no campo da medicina poderão ser enormes. Por exemplo, está actualmente a ser feito um enorme esforço na pesquisa de medicamentos capazes de estimular a produção de monóxido de azoto para tratar as doenças cardiovasculares. E há, pelo contrário, quem procure desenvolver inibidores da produção de monóxido de azoto, nomeadamente para o tratamento do chamado choque séptico — uma situação potencialmente letal que se verifica nas infecções bacterianas, quando os glóbulos brancos libertam enormes quantidades de monóxido de azoto, levando a uma dilatação dos vasos sanguíneos que faz cair a pressão sanguínea do doente a níveis perigosamente baixos. Há ainda quem pense que o monóxido de azoto poderá ser um agente anticanceroso. Sem esquecer o tratamento da impotência: “Ignarro descobriu o princípio que levou à utilização do Viagra como medicamento contra a impotência”, disse à Reuters Sten Orrenius, do Instituto Karolinska.

Nobel da Física

Pela miniaturização

TRÊS PROFESSORES de universidades norte-americanas — **Robert Laughlin** (48 anos), **Horst Störmer** (49) e **Daniel Tsui** (59) — receberam o Prémio Nobel da Física de 1998, por terem descoberto que “os electrões sujeitos a campos magnéticos muito potentes podem formar novos tipos de ‘partículas’, com cargas que são fracções das cargas dos electrões”, referiu a Real Academia Sueca das Ciências, em comunicado.

O trabalho destes três investigadores, realizado principalmente nos anos 80, pode vir a ter alguma aplicação na miniaturização de componentes electrónicos e há mesmo quem ache que pode revelar-se muito importante no futuro da micro-electrónica.

“Esta descoberta pode ser um grande avanço na barreira que limita o tamanho dos computadores, televisões e telefones móveis”, disse na altura à Reuters Anders Barany, professor de física teórica na Universidade de Estocolmo. “Isto pode ser a micro-electrónica do futuro.”

Nobel da Química

Experiências virtuais

O NOBEL DA QUÍMICA de 1998 foi atribuído ao norte-americano de origem austríaca **Walter Kohn** (75 anos), da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e ao britânico **John Pople** (73 anos), da Universidade Northwestern, em Evanston (Illinois, EUA). “Cada um dos premiados fez contribuições pioneiras para o desenvolvimento de métodos que podem ser utilizados para estudos teóricos das propriedades das moléculas e dos processos químicos nos quais elas estão envolvidas”, anunciou a Real Academia das Ciências.

O trabalho dos laureados é hoje em dia aplicado a coisas tão diversas como o desenvolvimento de novos medicamentos, o estudo da matéria interestelar e a análise das reacções químicas que destroem a camada do ozono da Terra, que nos protege das radiações solares mais nocivas. E faz com que os especialistas consigam realizar diariamente autênticas experiências de química virtual, sentados à frente de um computador.

Robert F. Furchgott



Robert F. Furchgott nasceu em 1916, em Charleston, Virginia (EUA). Doutorou-se em Bioquímica, na Northwestern University, em 1940. Desde 1956, Furchgott é professor de Farmacologia, na Universidade Estadual de Nova Iorque. Em 1996, Furchgott recebeu o Albert Lasker Basic Medical Research Award, considerado a antecâmara do Nobel.

Louis Ignarro



Louis Ignarro nasceu em 1941, em Brooklyn, Nova Iorque (EUA). Doutorou-se em Farmacologia, na Universidade de Minnesota, em 1966. Foi professor da Faculdade de Medicina da Tulane University (EUA), de 1979 a 1985. Nessa altura, transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles, onde ainda dá aulas. Trabalha actualmente na Faculdade de Medicina da Universidade do Texas, em Houston. Recebeu vários prémios pela sua investigação, entre os quais o Merck Research Award (1974) e o Lilly Research Award (1978).

Ferid Murad



Ferid Murad nasceu em 1936, em Whitting, Indiana (EUA). Doutorou-se em Farmacologia, na Western Reserve University, em 1965. Foi professor de Farmacologia, na Universidade de Virgínia, de 1975 e 1981. Depois de passar pela Universidade de Stanford, na Califórnia, Murad assumiu, em 1988, o cargo de professor na Faculdade de Medicina da Northwestern University, onde ainda se encontra. Recebeu o Ciba Award, em 1988, e o Albert Lasker Basic Medical Research Award, considerado a antecâmara do Nobel, em 1996.

Robert B. Laughlin



Robert B. Laughlin nasceu em 1950, em Visalia, Califórnia (EUA). Doutorou-se em Física em 1979, no Massachusetts Institute of Technology e é professor de Física na Universidade de Stanford, desde 1989. Entre outros prémios, Laughlin recebeu o Oliver E. Buckley Prize, da Sociedade Americana de Física, em 1986, e a Medalha do Franklin Institute, em 1998.

Horst L. Störmer



Horst L. Störmer nasceu em 1949, em Frankfurt. em 1949. Doutorou-se em Física em 1977, na Universidade de Stuttgart (Alemanha). Dirigiu a investigação em Física nos Bell Laboratories, entre 1992 e 1997, onde ainda trabalha. É actualmente professor na Universidade de Columbia, em Nova Iorque (EUA). Störmer recebeu o Oliver E. Buckley Prize, da Sociedade Americana de Física, em 1984, e a Medalha do Franklin Institute, em 1998.

Daniel C. Tsui



Daniel C. Tsui nasceu em Henan, China. Doutorou-se em Física em 1967, na Universidade de Chicago (EUA). É professor na Universidade de Princeton desde 1982. Tsui recebeu o Oliver E. Buckley Prize, da Sociedade Americana de Física, em 1984, e a Medalha do Franklin Institute, em 1998.

Walter Kohn



Walter Kohn nasceu em Viena, Áustria, em 1923. Foi professor no Carnegie Institute of Technology, em Pittsburgh, entre 1950 e 1960, e na Universidade da Califórnia em San Diego, de 1960 to 1979. Foi director do Instituto de Física Teórica de Santa Barbara (EUA), de 1979 a 1984.

John A. Pople



John A. Pople nasceu em Burnham-on-Sea, em Somerset, Reino Unido, em 1925. Doutorou-se em Matemática, em Cambridge, em 1951. Em 1964, tornou-se professor de Físico-Química, na Universidade de Carnegie-Mellon, em Pittsburgh (EUA), e professor de Química na Northwestern University (EUA), em 1986, onde ainda trabalha.

Nobel da Economia

As pessoas primeiro

TODOS os anos, a família entretinha-se a irritá-lo, perguntando porque razão não recebera o Prémio Nobel. Desta vez, a mãe não quis acreditar quando Amartya lhe telefonou de Nova Iorque para Santiniketan, localidade na Bengala Ocidental onde nasceu o economista e onde ainda vive a mãe. "Deixa-me ver primeiro no telexjornal", disse-lhe ela. Sen riu-se.

A Academia Real Sueca, em Estocolmo, telefonara-lhe fora de horas, a tal ponto que Amartya Sen se preparou para ouvir más notícias. "Felizmente, acabaram por ser boas notícias", disse Sen. "Fiquei ainda mais satisfeito quando me disseram que o motivo era a economia do bem-estar [welfare economics], um campo de estudo em que tenho estado profundamente envolvido. Estou satisfeito que tenham dado reconhecimento a esse assunto".

E, na realidade, sintomático que a Academia Real Sueca tenha escolhido um economista filósofo indiano que considera que a Europa está mais preocupada em reduzir os défices orçamentais do que em perceber as consequências sociais da pobreza e do desemprego prolongado. E muito menos em resolvê-lo.

Sintomático, também, quando no ano passado o Prémio Nobel tinha sido atribuído aos norte-americanos Robert Merton e Miron Scholes, que investigaram as aplicações financeiras de risco nos mercados de valores, e quando, este ano, se discute sobretudo a viabilidade de limitar os movimentos de capitais, atribuindo-se a responsabilidade das perturbações sociais. Um novo contexto que tem motivado reviravoltas políticas em diversos países europeus, colocando no poder os partidos socialistas ou social-democratas.

Sen é um economista conhecido internacionalmente pela sua vasta obra, onde a economia se cruza com uma abordagem social, filosófica e ética, e — como faz questão de sublinhar — pelo seu empenho em realidades mais gritantes do que o desemprego europeu, como são a fome e a pobreza absoluta em países como a Índia.

A sua preocupação sempre se centrou na distribuição do rendimento e na desigualdade social. O bem-estar é, na sua opinião, muito mais do que a criação de bens — são, igualmente, as oportunidades que se abrem e a capacidade de todos a elas acederem. A desigualdade tem consequências no bem-estar e, a outro nível, na sua integração social e política. Ou seja, na sua participação social na escolha das prioridades da sociedade.

Sen defende, por exemplo, que um Governo democrático e a liberdade de imprensa são muito importantes para prevenir a ocorrência da fome sentida por largas camadas populacionais, porque aquela nem sempre está relacionada com problemas de aprovisionamento. Manifesta-se, por outro lado, favorável ao fenómeno da "globalização" internacional, porque traz vantagens. Mas aconselha como tem aconselhado ao ministro indiano das Finanças, partidário do liberalismo económico — que as políticas se devam centrar "mais nas pessoas e menos nas mercadorias". O Governo, como sustenta, tem sido activo na defesa da indústria, mas inactivo na saúde ou na educação, o que tornará contraproducente qualquer política. Sobre tudo quando mais de 300 milhões de pessoas, entre 975 milhões de indianos, vivem abaixo do limiar de pobreza. ■

João Ramos de Almeida

PETER MUELLER/REUTERS



Amartya Kumar Sen, ao receber o Nobel da Economia

Amartya Sen

Amartya Kumar Sen é professor de Economia e Filosofia na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e doutorou-se este ano pelo Trinity College, no Reino Unido. Tem 65 anos, nasceu em Santiniketan, Bengala ocidental, na Índia, e é um dos mais conhecidos economistas, sobretudo pela dedicação ao estudo da desigualdade social, da ética, da pobreza e da sua importância nas escolhas colectivas das sociedades. A sua instrução iniciou-se na escola de Santiniketan, criada por outro Prémio Nobel, Rabindranath Tagore. Filho e neto de professores, Amartya foi influenciado para o ser também. Aos 23 anos, tornou-se no mais jovem responsável do Departamento de Economia da Universidade de Jadavpur, com uma obra já premiada na Universidade de Cambridge e pelo Trinity College. Autor de numerosos livros e conselheiro de governos, doutorou-se este ano no Trinity College e foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Economia, "o primeiro em Economia a ser entregue a um asiático". Uma designação que Sen critica como reveladora de uma "clara perspectiva eurocêntrica".

DYLAN MARTINEZ/REUTERS



David Trimble (ao centro) e John Hume no momento em que recebiam, ontem em Oslo, o Prémio Nobel da Paz

Nobel da Paz

Fantasmas do Ulster em Oslo

DAVID TRIMBLE e John Hume, os principais dirigentes de protestantes unionistas e republicanos católicos do Ulster, receberam ontem em Oslo o Prémio Nobel da Paz. Uma cerimónia ensombrada pelos inúmeros obstáculos que ainda se colocam para a aplicação plena do histórico acordo de paz para o Ulster, assinado no dia 8 de Abril passado, nas vésperas da Páscoa.

Foi numa atmosfera calorosa que estes dois artífices do Acordo de Sexta-Feira Santa aceitaram o cheque de 960 mil dólares (perto de 165 mil contos), entregue pelo presidente do Comité Nobel norueguês, Francis Sejersted, na presença do Rei Harald V da Noruega e da rainha Sónia. Na apresentação, e numa referência aos laureados, Sejersted disse que conseguiram "quebrar o círculo vicioso da violência" no Ulster e considerou-os "os mais eminentes entre os que se colocaram ao serviço da paz, na Irlanda do Norte ou no exterior da província".

O católico e republicano moderado John Hume, líder do Partido Social-Democrata e Trabalhista (SDLP), respondeu de forma consonante. Disse que o acordo de Abril "abriu um novo futuro a todo o povo

da Irlanda [...] baseado no respeito pelas diversidades e diferenças políticas". Mais preciso, acrescentou que a "identidade das duas partes do nosso povo será respeitada e nenhum dos dois campos poderá reivindicar para si a vitória".

Quanto ao seu compatriota protestante e unionista David Trimble, líder do Partido Unionista do Ulster (UUP, também moderado) e primeiro-ministro indigitado, manifestou-se "não por uma sociedade utópica, mas por uma sociedade normal [...] que aplique o método comprovado da democracia parlamentar". E numa referência a um dos principais obstáculos que, na sua perspectiva, bloqueiam a concretização do acordo, lembrou os seus múltiplos apelos às milícias para que aceitem o "fim da guerra". E precisou: "Provem-no, começando a desarmar-se." Reconheceu ainda: "Ninguém está inocente [...] mas, devido aos ensinamentos das nossas religiões e a uma tradição democrática parlamentar que impediu as milícias de se sobreporem à política, conseguimos parar junto ao abismo."

Desta forma, Trimble fixou o seu discurso na sensível questão do desarmamento dos gru-

pos paramilitares. Os unionistas, nomeadamente, o seu partido, que venceu as eleições de Junho para o parlamento semiautónomo do Ulster ao eleger 28 dos 108 deputados — logo seguido pelo SDLP, que garantiu 24 assentos —, recusam-se a constituir o novo Governo local enquanto o Exército Republicano Irlandês (IRA) não começar a entregar parte substancial do seu armamento.

Por tudo isto, o cerimonial que decorreu na câmara municipal de Oslo não conseguiu esconder as tensões relacionadas com um jovem processo de paz e serviu para provar que os "demónios da História" ainda não foram totalmente exorcizados. O conflito sectário no Ulster entre os grupos armados unionistas pró-britânicos, apoiados pelo exército de Londres, e as organizações armadas republicanas, que pretendem a unificação das duas Irlandas, provocou mais de três mil mortos nos últimos 30 anos.

Ausentes da cerimónia, mas por motivos diversos, estiveram outros dois importantes protagonistas políticos do Ulster. Gerry Adams, de 41 anos, líder do Sinn Féin, braço político do IRA e que elegeu 18 deputados em Junho — e que também desempenhou uma função

decisiva para a concretização do acordo de Abril ao garantir o cessar-fogo unilateral da organização armada republicana —, e o reverendo Ian Paisley, líder do radical Partido Unionista Democrático (DUP, a terceira força no Parlamento de Belfast com 20 deputados) e opositor do processo de paz.

Martin McGuinness, número dois do Sinn Féin e membro da comissão para o desarmamento, reuniu-se na quarta-feira em Londres com o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, e não deixou de criticar David Trimble por impedir que a sua organização participe no comité executivo do novo Parlamento enquanto não for iniciada a entrega das armas. "O nosso direito de ocuparmos esses lugares não depende daquilo que o IRA fizer ou não fizer", considerou. Quanto a Paisley, disse ontem em Belfast, em declarações à Reuters, que a entrega do Nobel é "totalmente irrelevante" porque não têm paz no Ulster. Este incómodo impasse perspectiva um próximo regresso à província dos principais patrocinadores do Acordo de Sexta-Feira Santa: os primeiros-ministros da Grã-Bretanha e da República da Irlanda. ■

Pedro Caldeira Rodrigues

David Trimble

David Trimble, 54 anos, que iniciou a sua actividade política na Irlanda do Norte em inícios da década de 70, é o actual primeiro-ministro e líder do principal partido protestante da província britânica, o Partido Unionista do Ulster (UUP). Em 1995, com alguma surpresa, sobretudo devido ao pouco apoio entre os seus colegas no Parlamento, ascendeu à liderança da organização, após as bases lhe terem concedido o necessário apoio para a eleição. O recente sucesso eleitoral é em parte explicado pelo seu importante desempenho nos acontecimentos de Drumcree, entre os membros da Ordem de Orange (protestante) e os residentes locais católicos. Quando os manifestantes da Ordem insistiram em marchar pelo seu percurso preferido, apesar da oposição da população, Trimble esteve na primeira fila da parada, ao lado do outro líder unionista, o reverendo Ian Paisley. A sua eleição foi ainda uma indicação sobre a insatisfação da população unionista face às perspectivas do Governo de Londres sobre o futuro da Irlanda do Norte, e sobre o desejo de manter uma liderança firme.

John Hume

Político respeitado e admirado pelas duas facções da província, John Hume, 61 anos, apostou toda a sua credibilidade profissional e política no processo de paz. Antigo professor, Hume começou por se destacar nos movimentos pelos direitos civis na década de 60, quando os católicos exigiam profundas alterações para o Ulster. Ajudou então a fundar o nacionalista moderado Partido Social-Democrata e Trabalhista em 1970 (SDLP), e nove anos depois assume a direcção da organização. Actualmente dirige o segundo partido da província, e as suas características de líder permitiram-lhe aumentar a influência em Dublin, Londres, Bruxelas e Washington. A sua longa experiência permitiu-lhe ser um dos principais actores do acordo anglo-irlandês de 1985, que pela primeira vez permitiu a Dublin uma ingerência limitada nos assuntos do Ulster. Em 1988 iniciou contactos com o líder do Sinn Féin, Gerry Adams, que se revelaram cruciais para o avanço do actual processo de paz.

SJ toma posição sobre quebra de embargo da SIC

Uma questão de honra

A DIRECÇÃO do Sindicato de Jornalistas (SJ) divulgou ontem um comunicado depois de "ter sido alertada para a alegada quebra do embargo ao discurso a proferir por José Saramago na cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Literatura", no qual considera "que qualquer quebra de embargo é ética e profissionalmente indesculpável".

O texto possui um incontornável tom de desaprovação deixando claro que uma quebra de embargo "integra um desrespeito grave pelos acordos feitos entre jornalistas e as suas fontes, mina a credibilidade da classe perante o público e os camaradas de profissão de todo o mundo e ainda revela falta de camaradagem, agredindo as regras da concorrência leal". O documento termina com um esclarecimento a propósito da figura de embargo, "que se destina a facilitar o ofício de informar, permitindo aos jornalistas um trabalho ao mesmo tempo mais elaborado e mais rápido, para que as matérias que tratam cheguem, com maior celeridade aos cidadãos que ser-

vem". No entanto, conclui o SJ, "é sobretudo de uma questão de honra que se trata".

Ouvidos pelo PÚBLICO a respeito deste caso, o actual e ex-presidentes do Conselho Deontológico de Jornalistas são unânimes na condenação do que aconteceu. Oscar Mascarenhas, actual presidente do órgão deontológico da classe de jornalistas, salvaguarda o facto de não ter um conhecimento rigoroso das circunstâncias em torno da quebra de embargo por parte da SIC, mas "se isso se verificou, é um acto reprovável". Por três razões, que Mascarenhas discriminou: "porque viola um compromisso assumido com uma fonte; porque viola o princípio da concorrência leal e porque a camaradagem ainda é um valor entre companheiros de profissão". O autor da quebra de embargo "não deve merecer a consideração dos seus camaradas e não pode ser credível aos olhos do público". O cumprimento das regras do embargo é, conclui, "sagrado".

Jorge Wemans, actual director da Lusa e ex-Provedor do

Leitor do PÚBLICO, não esconde o seu "espanto" perante o caso, tendo em conta que "o embargo não é discutível, é uma relação clara entre duas partes cuja quebra é altamente condenável". "A Lusa divulga coisas com embargo e não passa pela cabeça de ninguém que alguém quebre o embargo", adianta.

Daniel Reis, ex-presidente do Conselho Deontológico, é também peremptório na análise do caso. Na quebra de um embargo ou de um compromisso "aplica-se o princípio da boa-fé, como em qualquer outra relação de natureza social", sendo certo que "há pessoas com quem não se pode ter qualquer relação de confiança e infelizmente algumas dessas pessoas exercem como jornalistas".

O incidente é, para Daniel Reis, "profundamente desagradável e desabonatório para os jornalistas, porque a sua repetição cria, nas fontes, uma reserva em relação à confiança a depositar nos jornalistas". E a confiança, conclui, "é um dos pilares do exercício do jornalismo". ■ M.P.

F I P A

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS AGRO-ALIMENTARES

SEMINÁRIO

INOVAÇÃO NA INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR

15 de Dezembro

Pequeno Auditório da CULTURGEST
(Caixa Geral de Depósitos)

Programa:

9.45 - 10.30	- Inovação na indústria agro-alimentar
11.00 - 11.45	- Inovação nos Produtos - Alimentação funcional
11.45 - 12.45	- Inovação nas Tecnologias e Embalagens
12.45 - 13.30	- Inovação no Marketing
14.45 - 15.15	- As Tecnologias de Informação e a Inovação
15.15 - 15.45	- I&D Agro-industrial - A Experiência do IBET
15.45 - 16.15	- Debate

Após o encerramento do seminário terá lugar o lançamento público do
"Estudo do Sector Agro-Alimentar Português"

Patrocínios: CEMUSA PORTUGAL - COMPAL - COMPTA - FIMA - TETRA PAK - VICTOR GUEDES

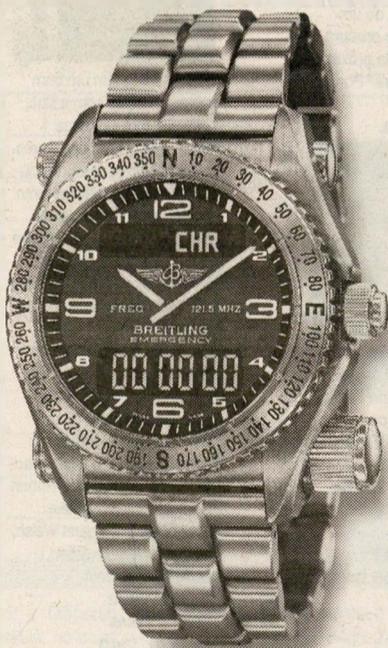
Apoio: PEDIP

Contactos: FIPA

Tel.: (01) 793 86 79

Fax: (01) 793 85 37


BREITLING
1884



EMERGENCY

DIAMANTOURO
Comércio Ourivesaria e Relojoaria, S.A.

Rua Fernandes Tomás, 352-2.º • 4000 Porto • Tel.: (3512)5101669 • Fax: (3512)5103409
<http://www.breitling.com>

INSTRUMENTS FOR PROFESSIONALS™



**SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES**

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS

Instituído pela SPA - Sociedade Portuguesa de Autores, em conjunto com o NOVO GRUPO DE TEATRO, o GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS destina-se a distinguir anualmente uma peça original e inédita de autor português, isto é, que não haja sido editada, representada ou submetida a leitura pública, premiada ou por qualquer forma distinguida noutra concurso, ainda que sob título diferente. As peças concorrentes deverão possuir extensão que permita um espectáculo de duração normal, e deverão ser entregues até ao dia 12 de Fevereiro de 1999 na sede da Sociedade Portuguesa de Autores (Avenida Duque de Loulé, 31-1069 Lisboa Codex) ou enviadas pelo correio para esta morada em envelope registado.

Ao autor premiado será atribuído o prémio monetário de 1.000.000\$00, além de um troféu do escultor Francisco Simões. A peça premiada será editada pela Sociedade Portuguesa de Autores e promovida por esta a sua tradução. Por sua vez, o Novo Grupo de Teatro procederá à montagem da peça premiada, no prazo de dois anos, a partir da data da atribuição do prémio.

O título da peça premiada e o nome do seu autor serão revelados no "Dia do Autor Português" (22 de Maio).

O regulamento pode ser solicitado ao Gabinete de Acção Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores - rua Gonçalves Crespo, 62 - 1069 Lisboa Codex.

**USE SEMPRE
O CAPACETE**

